



TEATRO
MUNICIPAL

Orquestra
Sinfônica
Brasileira

1959 - 19.^a Temporada

10.^o CONCERTO DA
SÉRIE POPULAR

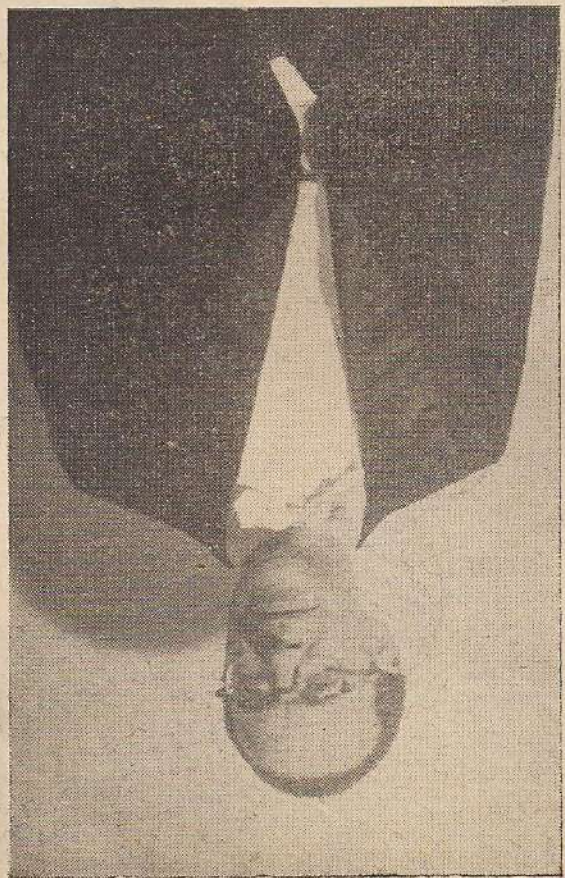
**"O MESSIAS", DE HAENDEL, NO CONCÊNTO DE
ENCERRAMENTO DA TEMPORADA DA O.S.B.**

Associando-se às comemorações do bicentenário da morte de Haendel, a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentará, no concênro de encerramento de sua temporada para o quadro social, a obra máxima do grande compositor, o oratório "O Messias", contando com a colaboração da Associação de Canto Coral, dirigida por Cleofe Person de Matos. Para dirigir êsse importante acontecimento retornará ao Brasil, especialmente convidado pela OSB, o maestro Victor Tevah, que alcançou um grande êxito em seus recentes concertos. Terá lugar no próximo dia 24 de outubro, às 16 horas, no Teatro Municipal.

Informação: Av. Rio Branco 135, sala 918, das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

Nasceu em Udine, Itália, em 1914, onde realizou seus estudos clássicos e musicais, diplomando-se em piano e composição. Mais tarde seguiu os cursos de aperfeiçoamento ministrados no Conservatório de S. Cecilia, em Roma, por Alfredo Casella, formando-se ao mesmo tempo na Universidade de Roma, em Direito, em Letras e Filosofia. Oficial combatente durante a Segunda Guerra Mundial, reiniciou, após o conflito, sua carreira musical, como pianista e regente, na Itália. Foi chefe do Departamento de Música Sinfônica e de Câmara da Rádio Italiana e regente-chefe do "Radioconcerti", desenvolvendo na mesma emissora atividades de regente de conjuntos sinfônicos e camerísticos. Colaborador de várias revistas de música, ensaísta e conferencista, desenvolveu importante atividade cultural na vida musical italiana, sendo um dos iniciadores do terceiro programa da RAI. Transferiu-se para o Brasil em 1951, fixando residência em Belo Horizonte, onde é diretor-titular da Orquestra Sinfônica e da Sociedade Coral, e diretor-artístico das temporadas hícaras anuais. Ao mesmo tempo, dedica-se ao magistério, nos setores da composição, regência e musicologia. Autor de música sinfônica de câmara e colaborador de jornais e revistas brasileiros, integrou-se já profundamente na vida cultural e musical do Brasil.

MAESTRO
SERGIO MAGNANI



NOTAS SÔBRE O PROGRAMA

BRAHMS — *Sinfonia em dó menor n.º 1, op. 68*

1) Un poco sostenuto, Allegro; 2) Andante sostenuto; 3) Un poco allegro e grazioso; 4) Adagio, Più andante, Allegro non troppo, ma con brio, Più allegro

“Muitos e notáveis talentos novos têm surgido e uma nova força musical parece prestes a se revelar entre os aspirantes de hoje, embora suas composições sejam conhecidas apenas de uns poucos. É meu desejo seguir com interêsse os caminhos dêsses eleitos; daí terá de aparecer, súbitamente, um que refletirá a mais elevada expressão dos ideais de seu tempo, que alcançará a maestria de um salto, projetando-se sôbre nós inteiramente equipado, como Minerva se projetou do cérebro de Júpiter. Esse jovem eleito é chegado, sôbre cujo berço as Graças e os Heróis parecem ter velado. Seu nome é Johannes Brahms”. (Schumann, in “Neue Zeitschrift für Musik”, 28 de outubro de 1853).

Essas palavras de Schumann, apresentando um jovem de 20 anos até então desconhecido, adquiriram um sentido profético e provaram ser fruto não de um entusiasmo talvez precipitado por um talento novo, mas de uma penetração profunda em sua força criadora latente.

Não seria, entretanto, senão 23 anos mais tarde que êsse talento extraordinário se confirmaria também no domínio sinfônico. O compromisso que as palavras de Schumann lhe impunham, a admiração de que se viu cercado, parecem haver criado no íntimo de Brahms o receio de não corresponder ao que dêle se esperava, desenvolvendo o seu natural senso auto-crítico e impedindo-o de abordar mais cedo as formas sinfônicas.

Sua primeira tentativa de compor uma sinfonia — para prova definitiva a que devia submeter o seu talento — data de 1854: “Tenho tentado compor uma sinfonia, escrevia a Schumann; cheguei a orquestrar o primeiro movimento e a compor o segundo e o terceiro”. Entretanto, mantinha-se céptico quanto aos seus resultados: “Há

muita coisa errada nessa composição”, afirmaria a Joachim, em resposta ao entusiasmo com que o grande violinista e amigo recebeu o primeiro movimento. Insatisfeito, Brahms reduziria a obra às dimensões de uma sonata para dois pianos e finalmente apresentava-as sob a forma de um concêrto para piano e orquestra (N.º 1, op. 15, em rémenor). Só vinte anos mais tarde, em 1876, Brahms dava a conhecer a sua Primeira Sinfonia, aos 43 anos de idade. Ainda assim, a obra não fôra escrita de um só impulso: sua elaboração começou antes de 1860, e alguns amigos do compositor afirmam haver conhecido uma versão original completada já em 1862, material que o compositor trabalhou, modificou, rescreveu, em meio a freqüentes crises de auto-descrédito, até chegar a uma elaboração definitiva, capaz de satisfazê-lo. E muitos afirmam que vários anos antes de sua estréia, a Sinfonia se encontrava já em sua versão definitiva, aguardando a decisão do compositor em apresentá-la ao público.

Êsse estado de indecisão e de

insatisfação de Brahms com relação a sua Primeira Sinfonia não deve ser compreendido apenas como uma peculiaridade de seu processo criador: a angústia com que produziu essa obra reflete igualmente as tendências novas que amadureciam em seu íntimo, tendências no sentido de um novo classicismo, de uma comunhão de espírito com Bach e Beethoven, levando-o a revolver, nas cinzas do romantismo, os ideais polifônicos dos mestres clássicos. Numa época em que tudo tendia à dissolução, Brahms sentia a necessidade imperiosa de restaurar as formas clássicas, devolvendo-lhes a antiga solidez. Com Brahms, a sinfonia voltou a ser o primado da estrutura sonora que se definira em Beethoven e que o colorismo e o sentimentalismo românticos haviam de-

figurando como uma das expressões máximas da música brasileira e universal de nosso tempo, a obra de Camargo Guarnieri se encontra na convergência de duas grandes forças: o sentido de nacionalidade, que identifica o artista com o meio em que foi gerado, e o sêlo inequívoco de sua época, pela adoção das melhores conquistas da música contemporânea. Traço característico de seu estilo é o tratamento polifônico do material temático, onde se revela um espírito inclinado à construção das formas sólidas, sem que isso exclua um intenso lirismo e um colorido extremamente rico em sua obra. "A obra de Camargo Guarnieri — essencialmente original, moderna, essencialmente brasileira, inspirando-se, não raro no folclore paulista, é de uma clareza de fatura e equilíbrio de forma por um público vasto. Aristocrata, apresenta, tão transparente, uma relação com a musicalidade específica do povo, que todos os ouvintes, por esse caminho da inspiração podem chegar até a obra".

A bagagem criadora de Camargo Guarnieri inclui alguns dos exemplos mais expressivos da música brasileira e universal de nossos dias, contando-se entre as suas obras principais: "Dança Brasileira", para piano; "Flor do Tremembé", para 15 instrumentos; Concerto para violino e orquestra; "Abertura Com mais de 70 canções"; 4 Sinfonias; 2 Concertos para piano e

CAMARGO GUARNIERI — *Prólogo e Fuga*

Não sem alguma razão, Hans von Büllow referiu-se à Primeira Sinfonia de Brahms como a "Décima de Beethoven", emprestando embora a esse veredito um sentido pejorativo. A obra foi criticada severamente pelos adeptos de Wagner e Liszt como "reacção ao sistema fechado do classicismo, avessa às tendências revolucionárias. Não sem alguma razão agitavam-se os seus adversários: com essa obra, Brahms estabelecia um contato direto com Beethoven, abrindo ao mesmo tempo um novo caminho para o futuro, que conduziria aos grandes sinfonistas de nossa época, para — como para Brahms — uma sinfonia é antes de tudo uma sólida estrutura polifônica.



ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA

1959 — DÉCIMA NONA TEMPORADA — 1959
SOB O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DÉCIMO CONCERTO DA SÉRIE POPULAR

Sábado, 17 de outubro de 1959, às 21 horas

TEATRO MUNICIPAL

PROGRAMA

1.^a PARTE

BRAHMS — *Sinfonia em dó menor,*
n.º 1, op. 68

- 1) Un poco sostenuto, Allegro
- 2) Andante sostenuto
- 3) Un poco allegro e grazioso
- 4) Adagio, Più andante,
Allegro non troppo ma con brio,
Più allegro

2.^a PARTE

CAMARGO GUARNIERI
"Prólogo e Fuga"

PROKOFIEFF

"Tenente Kijé", suíte

- 1) Nascimento de Kijé
- 2) Romance
- 3) Bodas de Kijé

SMETANA — *Três danças da ópera*
"A Noiva Vendida"

- 1) Polca
- 2) Furiante
- 3) Dança dos Comediantes

Regente: SÉRGIO MAGNANI

tor. Composta por encomenda da Orquestra Filarmônica de Nova York, é uma obra amadurecida, construída com mão firme e dada de uma grande força expressiva. Sua linguagem é ousada e sua elaboração orquestral primorosa. Reunem-se, num feliz encontro, as melhores qualidades do compositor, bem como as características marcantes de seu estilo, onde se mesclam os elementos temáticos de caráter nacional e a elaboração da forma dentro de um verdadeiro espírito clássico.

PROKOFIEFF — *Tenente Kijé, suite*

1) Nascimento de Kijé; 2) Romance; 3) Bodas de Kijé

O primeiro movimento da suite te: "O nascimento de Kijé", inicia-se com um toque militar ao longe, seguindo-se vários motivos que sugerem a atmosfera festiva das paradas militares, com suas fanfarras, seus tambores e seus pífanos.

O segundo movimento: "Romance", é baseado numa canção, onde o personagem imaginário fala das tristezas experimentadas por seu coração, longe da presença de quem o conquistou. A página foi escrita para voz de barítono, cuja parte seria transcrita pelo compositor para saxotone tenor, de modo a poder ser executada segundo as conveniências.

O romance do herói encontra a sua consequência lógica no terceiro movimento: "As bodas de Kijé", onde predominam os elementos melódicos de caráter romântico. A suite "Tenente Kijé" foi apresentada em primeira audição em Moscou, em 1934.

Uma das páginas sinfônicas mais populares de Prokofieff, a suite "Tenente Kijé", é uma das inúmeras partituras do autor, nascidas originalmente em função do cinema e transformadas depois em obras independentes. O "Tenente Kijé" e a cantata "Alexandre Nevsky", são os melhores frutos do trabalho de Prokofieff no domínio da música para filmes.

O filme "Tenente Kijé", produzido em Leningrado em 1933, é uma comédia baseada num episódio anedótico que envolve o Czar Nicolau I. Cometendo um erro de pronúncia ao ler um informe militar, o soberano fez referência a um inexistente "Kijé", que, uma vez mencionado pelo Czar, passou a existir hipoteticamente, já que ninguém ousaria corrigir o soberano e mais do que isso, o personagem fantasma chegou a desenvolver uma intensa atividade na corte, criando situações de extrema comichade e até mesmo vivendo aventuras sentimentais...

SMETANA — *Três Danças da Ópera "A Noiva Vendida"*

1) Polca; 2) Furiante; 3) Dança dos Comediantes.

As convulsões políticas que agitaram a Tchecoslováquia em meados do século passado tiveram conseqüências decisivas para o seu desenvolvimento artístico. Sublevando-se contra a dominação cultural e política alemã, os artistas começaram a proclamar a necessidade de criar um novo estilo nacional, com base nas tradições populares da Boêmia. Smetana, que teve uma participação ativa nos acontecimentos políticos, tornou-se o porta-vóz do nacionalismo musical em seu País e seu primeiro expoente.

Até 1860, não existia no País uma única ópera nacional: todos os espetáculos operísticos eram apresentados em língua alemã ou italiana. Como resultado do movimento nacionalista, iniciou-se uma campanha em todo o País em prol da construção de um Teatro Nacional de Ópera, movimento em que Smetana teve também uma atuação destacada. Para tanto, foi aberta uma subscrição popular, e o Teatro foi finalmente concluído em 1862, sendo Smetana apontado como diretor.

A primeira ópera de Smetana: "Os Brandemburgueses na Boêmia", foi estreada no Teatro Nacional de Ópera em 1866. Já então o compositor completara a sua segunda ópera: "A Noiva Vendida", que se tornaria um verdadeiro símbolo nacional, pelo aproveitamento de inúmeros temas folclóricos e por transportar à cena um quadro vivo dos costumes e da atmosfera dos campos da Boêmia. Escrita entre 1863 e 1866, a ópera compreendia originalmente apenas 2 atos. Em 1870, subia à cena em nova versão, revista e ampliada, incluindo, além da "Dança dos Comediantes", a "Polca" e a dança "Furiante", e dividindo-se em 3 atos. Dessas 3 danças, a mais conhecida é a "Dança dos Comediantes". A "Polca" situa-se no final do 1.º ato, dançada por um grupo de aldeões numa estalagem, e a dança "Furiante" inicia o ato seguinte, quando o côro que se faz ouvir no interior da hospedaria é interrompido por um grupo de jovens camponeses, numa animada coreografia. A "Dança dos Comediantes" ocorre no terceiro ato, com a chegada de uma companhia de artistas ambulantes.